

OS NOMES COMPOSTOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA

Rafael Dias Minussi¹

rafaelminussi@usp.br

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise para os nomes compostos do português com base na análise realizada por Lee (1997). Lee (1997) divide os compostos em dois lugares de formação: léxico e sintaxe. Por meio do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MD)(Halle & Marantz 1993; Marantz 1997) e de uma proposta de Di Sciullo (2005), que defende que os compostos são formados por uma projeção funcional, propomos algumas estruturas sintáticas que formam os compostos. Desse modo, defendemos que há compostos formados por apenas uma raiz, como o caso de pão-duro e ferrovia e compostos que são formados por uma estrutura funcional, cujo núcleo é ocupado por operadores semânticos como: SORT, AND e OR. Além disso, discutimos outras análises para os compostos, seja no âmbito da Fonologia Lexical (Moreno 2002), ou dentro do quadro da MD: Harley (2008) e Minussi (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Nomes compostos; Morfologia Distribuída; Raízes.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Os gramáticos tradicionais, quando o assunto é formação de palavras, sempre citam dois processos: a derivação e a composição. A derivação é definida como o acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) a um radical, como em *repor* e *felizmente*. Por sua vez, a composição é definida como o processo em que dois ou mais radicais se combinam, como em *amor-perfeito* e *guarda-chuva* (Kehdi, 2002). Enquanto na derivação ocorre a anexação de um elemento não independente (o afixo) a outro independente (forma livre ou radical livre), na composição combinam-se duas ou mais formas livres ou independentes.

No que diz respeito à palavra composta, esta, em geral, representa uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes, como, por exemplo, *sempre-viva* (nome de uma flor), ou *criado-mudo* (nome de um móvel) (Oliveira, 2004).

¹ Universidade de São Paulo – USP.

Podem-se distinguir dois tipos de composição, de acordo com o grau de fusão em que se encontram as palavras que compõem o composto. Assim, ocorre justaposição quando os termos associados conservam a sua individualidade: *passatempo*, *sempre-viva* etc. Ocorre aglutinação, quando os vocábulos ligados “se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos fonéticos (acento tônico, vogais ou consoantes): *boquiaberto*, *pernalta*, *aguardente* etc.” (Kehdi, 2002).

Todas essas características acima, além de algumas regras de formação de plural e colocação do hífen em nomes compostos, podem ser encontradas se consultarmos as gramáticas do português em relação aos nomes compostos. Contudo, a pesquisa sobre os nomes compostos vai além e pode ser tomada, como sugere Spencer (1991: 309), como ponto crucial para um estudo da interface entre a morfologia e a sintaxe.

Para esse autor, a sintaxe pode ser entendida como a concatenação de palavras para formar sentenças. Composição, no entanto, é prototipicamente a concatenação de palavras a outras palavras. Desse modo, se a composição é um processo gerativo livre, é difícil saber se estamos olhando para a morfologia, para a sintaxe, ou para ambas. Além disso, pode-se ressaltar que, para estudarmos a composição, esbarramos no problema da definição do que é palavra.

Dentro dos estudos da Gramática Gerativa, as análises dos nomes compostos são explicadas basicamente de duas formas: há compostos que são analisados como formados no léxico – os compostos lexicais – e sintaticamente opacos, ou seja, compostos que se comportam como uma unidade (uma palavra comum) em relação a processos morfossintáticos, pois não permitem flexão, derivação, nem concordância; e há compostos que são analisados como sendo formados no componente pós-lexical e, portanto, são sintaticamente transparentes (permitindo flexão, derivação, concordância) (Lee, 1997).

Ainda podemos encontrar estudos sobre compostos que levam em consideração o tipo de composto formado, e esses podem ser de três tipos segundo Spencer (1991). O primeiro tipo são os compostos exocêntricos. Nesses compostos não há um núcleo e são formados, em inglês, por termos se referindo a pessoas, tais como *pickpocket*, *lazybones*, *cut-throat*. Nesses nomes há relações de argumento-predicado. Tais relações também podem ser observadas em compostos do segundo tipo, os endocêntricos, como *truck driver*, no qual *driver* é o núcleo e *truck* funciona como um tipo de objeto direto de *driver*. O terceiro tipo de compostos é aquele que é apenas a conjunção de dois elementos sem qualquer relação de dependência entre eles: *austro-húngaro*, *surdo-mudo*, *sofá-cama*, *mother child*, *learner-driver* (que é um composto do tipo aposicional).

Tendo em mente encontrar uma explicação para os compostos do português brasileiro (PB) que, além de analisar os compostos, faça uma reflexão sobre a interface morfologia-sintaxe², o objetivo específico deste trabalho, tomando como ponto de partida os dois lugares de tratamento dos nomes compostos, isto é, o léxico e a sintaxe, é dar um tratamento unificado para os diferentes tipos de compostos propostos por Lee (1997), utilizando o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (MD), uma proposta não lexicalista cuja hipótese é de que tanto palavras quanto sentenças são formadas no componente sintático (Halle; Marantz, 1993 e Marantz (1997)).

Dessa forma, procuramos tratar os dois tipos de compostos (lexicais e pós-lexicais, na terminologia de Lee, 1997) como sendo formados na sintaxe. Para tanto, utilizaremos também como base para nossa análise outras duas análises já realizadas dentro de uma teoria lexicalista: Di Sciullo (2005) e Moreno (2002), além de duas outras análises não lexicalistas: Harley (2008) e Minussi (2009). O objetivo mais amplo e, conseqüentemente, mais teórico é promover o desenvolvimento da teoria, uma vez que há pouquíssimos trabalhos sobre o processo de composição que utilizam a MD como base teórica.

O artigo está organizado da seguinte forma: (i) na seção 1 faremos uma descrição dos dados, na qual explicitaremos a tipologia feita por Lee (1997), usada de base para nossa análise; (ii) refletiremos sobre a proposta de Moreno (2008), que fará algumas críticas à proposta de Lee e proporá uma análise sintática para os nomes compostos; (iii) posteriormente, na seção 2 mostraremos duas análises para os compostos dentro da MD: as propostas de Harley (2008) e Minussi (2009); (iv) na seção 3, proporemos uma análise sintática dos compostos em português brasileiro com base em Di Sciullo (2005) e Minussi (2009), levando em consideração os pressupostos da MD; (v) por fim, faremos algumas considerações sobre as estruturas propostas e traremos as referências bibliográficas citadas.

1. UMA TIPOLOGIA DOS COMPOSTOS LEE (1997)

Como já dissemos acima, Lee (1997) separará os compostos entre compostos lexicais e compostos pós-lexicais. O autor propõe que apenas os compostos lexicais sejam “compostos verdadeiros”, pois funcionam como unidade independente nas operações morfológicas, enquanto os compostos pós-lexicais são “pseudocompostos”, palavras sintáticas reanalisadas que, conforme Di Sciullo & Williams (1987), permitem os processos morfológicos entre seus

² Neste trabalho deixaremos um pouco de lado a interface morfologia e fonologia sem ignorar, contudo, sua existência.

constituintes. Dessa forma, o autor cria a seguinte tipologia. Há um primeiro grupo de compostos lexicais e, nesse grupo, há diversos tipos de compostos, separados de acordo com a categoria dos elementos que os compõem.

- (1) N+N: este composto sempre apresenta a sequência constituída, nos termos da gramática tradicional, de Determinante (DT) + Determinado (DM):
 - a) autopeça, cineclube, ferrovia, tomaticultura
 - b) rádio-táxi
 - c) espaçonave

- (2) A+A: este tipo de composto é formado por dois adjetivos: [[Adjetivo]radical +o]adj + Adj, como vemos abaixo:
 - a) ítalo-brasileiro, judeu-americana
 - b) econômico-social, social-econômico, sócio-cultural

- (3) V+N: Este tipo de composto é muito produtivo e é formado pela junção de verbo e de nome. Segundo Câmara Jr (1970), o segundo elemento do composto – N- funciona como o complemento do primeiro elemento – V-, que é constituído pelo radical verbal mais vogal temática.
 - a) guarda-chuva, porta-voz
 - b) toca-discos, porta-aviões, pára-quedas
 - c) puxa-saco

Há um segundo grupo de compostos, chamados pós-lexicais, os quais constituem unidades semânticas, mas cada constituinte desse tipo de composto funciona independentemente nas operações morfológicas. Novamente, esses compostos são separados por Lee (1997) de acordo com as categorias dos elementos que os compõem.

- (4) N + (preposição) +N
 - a) sofá-cama, homem-rã, bar-restaurant
 - b) trem-bala, garota-propaganda
 - c) fim de semana, pé-de-moleque

- (5) N+A
 - a) bóia-fria, carro-forte
 - b) mesa-redonda
 - c) pão-duro, dedo-duro

- (6) A+A
 - a) surdo-mudo

- (7) A+N: este tipo de composto apresenta a sequência de DT + DM, como o composto lexical. Entretanto, cada um dos constituintes desse composto funciona como uma palavra independente nas operações morfológicas:
 - a) curto-circuito, primeiro-ministro

b) boa-vida

A separação feita por Lee leva em consideração, principalmente, os processos que são permitidos nos compostos e o fato de serem, ou não, sintaticamente transparentes. A opacidade de alguns compostos será algo de nossa análise mais adiante. Assim, podemos resumir alguns tópicos da proposta da Lee. Para esse autor, os compostos do português: a) podem ter dois acentos (tóca dísco); b) podem flexionar-se entre os constituintes (garotas propagandas); c) só podem ser vocábulo [+N] (N, A; mas nunca V); d) podem formar diminutivos entre os constituintes (guardinha noturno); e) podem flexionar-se mais de uma vez (homens-rãs).

Uma primeira crítica que fazemos à proposta de Lee diz respeito ao uso de categorias lexicais na formação de compostos. A proposta de Lee (1997) separa os compostos por categoria, quando, na verdade, alguns compostos parecem se comportarem da mesma forma ao serem submetidos aos mesmos testes, não importando a que categoria eles pertençam. (Moreno, 2002). Exemplo disso são os compostos do tipo surdo-mudo e médico-cirúrgico, além dos compostos que nomeiam cores, um grupo não tratado por Lee (1997). Se tomarmos como base a proposta de Lee, separaríamos esses compostos entre formados por: (i) A+A verde-claro, azul-escuro; e (ii) A+N verde-musgo, verde-bandeira, amarelo-ouro, azul-royal. Tais compostos, apesar de serem formados por categorias distintas, comportam-se da mesma maneira ao passarem por algum processo de derivação: verdinho-claro, *verde-clarinho, amarelinho-ouro, *amarelo-ourinho, azulzinho-escuro; ou se flexionarmos: verdes-claros, verdes-musgos, amarelos-ouros, azuis-escuros etc.

Moreno (2002) também faz uma crítica a Lee (1997) pelo uso do plural e da concordância como critérios para a distinção dos compostos. Na próxima subseção, veremos qual é a proposta de Moreno para explicar a formação dos compostos.

1.1 A PROPOSTA SINTÁTICA DE MORENO (2002)

Ainda dentro do quadro lexicalista, encontramos a proposta de Moreno (2002), que argumenta a favor de que os compostos são formações pós-lexicais. Moreno (2002), ao se utilizar dos pressupostos da Fonologia Lexical, também admite que haja uma tendência para o alçamento de compostos cristalizados para o *Nível do Vocábulo*, num processo gradiente de lexicalização no qual ele também inclui as formas *-zinhV* e *-mente*.

O autor não acredita que exista em português um mecanismo *morfológico* para a formação de compostos. Para ele, o *output* de nossas regras morfológicas é sempre um vocábulo morfológico, ao passo que todos os compostos são formados de dois vocábulos prontos.

Por força de regras semânticas, esse composto criado é analisado pelo falante como um todo e é lexicalizado. Uma vez que esses vocábulos estavam ligados por uma relação sintática, é natural que o composto criado reflita as relações sintáticas de onde ele proveio: ou N+ modificador, ou V+complemento, ou modificador e modificador (coordenação). Desse modo, para resumir, Moreno (2002) defende que todos os compostos são sintaticamente transparentes, mas funcionam como vocábulo, já que podem ser inseridos na posição X^0 .

Moreno também faz uma tipologia dos compostos. Entretanto, em vez de fazer uma divisão de compostos por categoria, ou local de formação, faz uma descrição da posição dos núcleos dos compostos. Para ele, os compostos podem ter núcleo à direita:

- | | | | |
|-----|----|-------------------------------|----------|
| (8) | a) | Ponta pé (m) | (f. +m.) |
| | b) | cafe icultura (f.) | (m.+f.) |
| | c) | vaso- constricção (f.) | (m.+f.) |
| | d) | vara- pau (m.) | (f. +m.) |
| | e) | água- pé (m.) | (f.+m.) |

Os compostos podem ter núcleo à esquerda:

- | | | | |
|-----|----|---------------|--------------|
| (9) | a) | N+Adj | |
| | | amor-perfeito | sangue-frio |
| | | senso-comum | estado-maior |
| | b) | N+N | |
| | | homem-rã | sofá-cama |
| | | navio-escola | beira-mar |

Os compostos em (a) são verdadeiros compostos endocêntricos, para Moreno (2002). Para o autor, quando falamos de sangue-frio, por exemplo, há o sentido de que sangue, e não algo ou alguém fora do composto adquiriu a característica de frieza. Contudo, não parece estranho pensarmos que a frieza não está no sangue, mas na pessoa denominada “sangue-frio”, uma pessoa sangue-frio é uma pessoa dotada de certa frieza, com poucos escrúpulos, sem medos, insensível, que tem tranquilidade, domínio de si etc.

Há ainda os compostos sem núcleo, por exemplo, os compostos do tipo V+complemento:

- (10) a) ganha-pão
b) toca-discos
c) porta-aviões
d) salva-vidas
e) beija-flor
f) arranha-céu

Na próxima seção, apresentaremos duas análises sobre os compostos dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída.

2. A COMPOSIÇÃO DENTRO DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

A MD é uma teoria que prevê um único componente gerativo: a sintaxe. Desse modo, tanto sentenças, quanto palavras são geradas durante a computação sintática. Uma vez que não há léxico, seja como lista, ou componente gerativo, as propriedades ditas “lexicais” estão distribuídas em três listas na Arquitetura da Gramática proposta nesse modelo. A Lista 1 é composta por raízes sem categoria, que possuem apenas conteúdo semântico³ e morfemas abstratos, os quais irão alimentar o componente sintático. A Lista 2, também chamada de Vocabulário, que está localizada após o *spell out* sintático, no caminho para Forma Fonética. Essa lista contém as matrizes fonológicas que são inseridas tardiamente nos nós terminais sintáticos. Enfim, a Lista 3, também chamada de Enciclopédia, é uma lista de significados especiais, que pode variar de falante para falante.

Tendo resumido alguns pontos básicos da teoria, nas próximas seções veremos as análises de Harley (2008) e Minussi (2009).

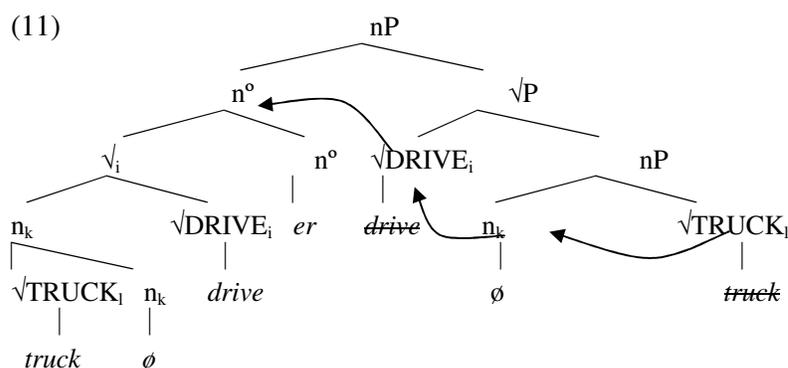
2.1 A ANÁLISE DE HARLEY (2008)

Em seu artigo, Harley (2008) se propõe a dar uma explicação, dentro do quadro da MD, para os compostos do inglês. A análise da autora fornece a explicação de que os compostos são estruturas de incorporação, onde nomes não núcleos se incorporam a raízes acategoriais dos nomes núcleos, antes de tais raízes se incorporarem a seus núcleos definidores de categoria.

A autora defende algumas ideias a cerca das raízes, como por exemplo: (i) apenas as raízes se referem ao conteúdo semântico enciclopédico, de modo que essa característica é a

³ Para uma discussão sobre as raízes possuírem conteúdo fonológico consulte Siddiqi (2009).

principal diferença entre as raízes e os morfemas abstratos; (ii) as raízes são capazes de selecionar seus argumentos e tal ideia é algo que faz sentido intuitivamente, segundo a autora, pois são elas que contêm a informação semântico-enciclopédica que diferenciaria um tipo de evento que, necessariamente, implicaria um argumento interno de um tipo ou de outro⁴. Na análise da autora, compostos como: *truck-driver*, *drug-pusher*, *car-crashing (dog)* ou *grass-clipping* são casos em que o nome complemento se compõe com a raiz que o selecionou, antes de a raiz ser concatenada com o núcleo categorizador n^o, como na estrutura em (11):



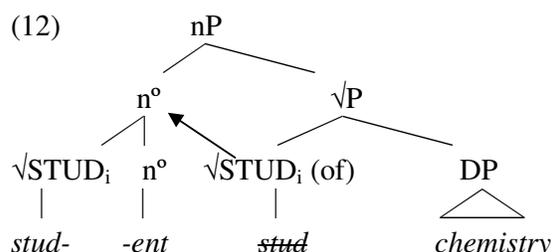
Na estrutura em (11), o complemento da raiz $\sqrt{\text{DRIVE}}$ é primeiramente criado pela concatenação de $\sqrt{\text{TRUCK}}$ no núcleo nominalizador n^o. A estrutura criada se concatena como argumento de $\sqrt{\text{DRIVE}}$ e se incorpora a ela. Tal incorporação, sendo sintática, deve ser dirigida por algum traço. Desse modo, Harley (2008) sugere que, assim como acontece no sistema de Baker em que elementos incorporados satisfazem sua necessidade de Caso por meio da incorporação, o traço de Caso esteja relacionado com a incorporação.

A análise de Harley (2008) ainda faz a previsão de que se a incorporação não ocorrer, algum licenciador de Caso deve ser necessário, tal como *of* (por meio de *Last Resort*), ou algum outro núcleo P^o. Assim, por exemplo, no caso de o argumento de $\sqrt{\text{DRIVE}}$ ser um DP, o passo da incorporação do DP para dentro da raiz não pode ocorrer e o argumento ficaria “encalhado” à direita do núcleo, o que com a inserção de P^o forma *driver of the truck*, ou *driver of trucks*.

Podemos apontar alguns problemas que não são resolvidos pela estrutura de Harley (2008) e são problemáticos diante da teoria utilizada, ou podem ser explicados de maneira mais natural e elegante se tomarmos a noção de fase de palavra (Marantz, 2001; Arad, 2003).

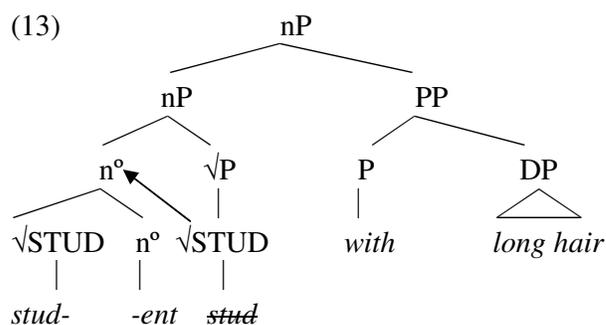
⁴ Nesse ponto, a autora parece estar de acordo com as ideias apontadas em Marantz (1997), onde o autor mostra que uma raiz como $\sqrt{\text{DESTROY}}$ irá denotar um evento externamente causado e irá selecionar pelo menos um argumento.

O primeiro problema a ser apontado tem relação com a questão de a raiz poder selecionar ou não seu argumento interno. Se a raiz selecionar seu argumento interno, ela deve se concatenar com seu argumento antes de se concatenar com o feixe de traços que determinará sua categoria. Vejamos a estrutura de *student of chemistry* em (12):



Na estrutura em (12), a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ se concatena primeiro com seu DP argumento *chemistry*. Depois, a projeção $\sqrt{\text{P}}$ se concatena com n° , que será realizado como *-ent*. O núcleo da raiz se anexa a n° . A autora ainda assume que o *of* nucleia um morfema, chamado “morfema dissociado”, pois é inserido tardiamente na estrutura por meio de uma operação *Last Resort* para realizar o Caso inerente do DP argumento.

Por sua vez, a estrutura com o modificador *with long hair* em *student with long hair* é dada em (13):



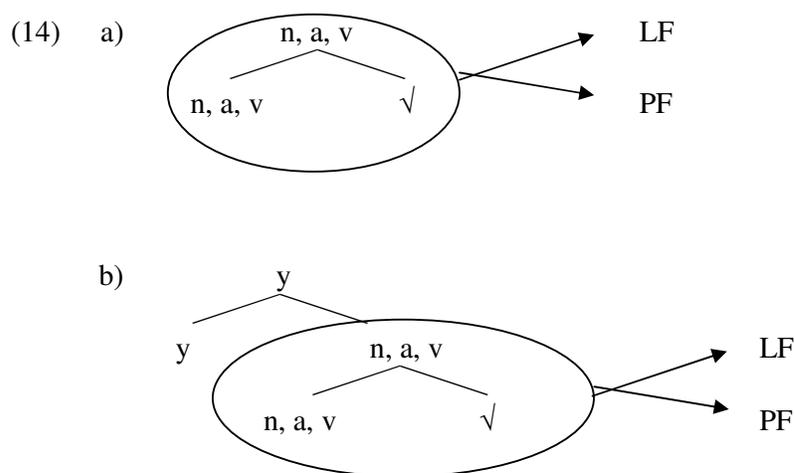
Tal modificador não modifica apenas a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$, em vez disso ele modifica o nP *student*. Dessa forma, a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ se concatena primeiro com o n° e então se move para se incorporar a ele.

Neste ponto surge uma questão que pode ser crucial na proposta de Harley (2008): como explicar que a raiz $\sqrt{\text{STUD}}$ pode selecionar, ou não, seu argumento? Trata-se de raízes com conteúdos semânticos diferentes? Como vimos em (12), é fatal para a proposta de Harley (2008) que a raiz selecione seu argumento para que, depois, ela possa se concatenar com o morfema abstrato que lhe dará uma categoria. No entanto, vimos em (13) que a mesma raiz

√STUD pode não selecionar seu argumento, de modo que nos perguntamos se estamos lidando com raízes diferentes, ou se a raiz possui um quadro de subcategorização que indique todas as possibilidades de seleção de argumentos.

O segundo ponto a ser discutido na proposta da autora é a não utilização da noção de fase na palavra. Autores como Marantz (2001), Arad (2003), Medeiros (2008) têm argumentado para a utilização da noção de fase nas palavras. Tal noção diz respeito à interpretação que será dada à raiz e se encontra delineada em Marantz (2001).

Para os autores citados, fase não se restringe a vP ou CP, mas a todos e qualquer núcleo categorizador (n, v, a etc.) que for anexado a uma estrutura sintática. Marantz (2001), a fim de reconstruir os dois lugares⁵ de formação de palavra na sintaxe, faz uma distinção entre palavras que são criadas a partir de raízes (elementos atômicos, destituídos de material funcional) e palavras criadas a partir de palavras existentes, isto é, palavras que são formadas a partir de raízes já categorizadas. Vejamos os esquemas em (14):



Segundo Arad (2003), a raiz não é uma palavra de verdade. Ela torna-se um nome, um adjetivo ou um verbo ao se concatenar a um núcleo que carrega um traço n, a ou v, como em (14)a). Esse seria o primeiro domínio ou fase se usarmos a terminologia de Chomsky (2001). É nesse domínio que o significado específico da raiz é negociado/fixado, consultando o conhecimento armazenado na Enciclopédia (Lista 3). Sempre que um núcleo é anexado a uma

⁵ Esses dois lugares podem se referir seja aos dois componentes da gramática (o léxico vs. a sintaxe) ou a dois diferentes níveis do mesmo componente (nível derivacional vs. nível flexional). Todas as teorias compartilham da intuição de que exista um nível mais baixo em que a formação da palavra está associada a idiosincrasia (vazios (*gaps*), significado não composicional), e outro nível mais alto em que a formação de palavra estaria relacionada à produtividade e a regularidade (seria o nível sintático, flexional etc.) (Arad, 2003).

estrutura sintática, o irmão do núcleo categorizador que fora anexado é enviado para PF e LF, de modo que a parte enviada fica inacessível a etapas posteriores da derivação. Dessa forma, quaisquer outros núcleos categorizadores anexados acima do primeiro núcleo categorizador, como observamos em (14)b), não terão acesso à raiz e não negociarão um novo significado, mas contarão com o significado e a pronúncia já fixados, podendo contribuir apenas composicionalmente para o significado final da palavra em formação.

Se levarmos em consideração a noção de fase esboçada acima, a proposta de Harley (2008) torna-se incoerente, pois, na estrutura em (11), $\sqrt{\text{DRIVE}}$ não é categorizado e, portanto, seu significado ainda não foi negociado. Da forma em que é colocado na estrutura, o núcleo n° realizado como *-er* categoriza tudo o que está sob a raiz $\sqrt{\text{DRIVE}}$ e não apenas $\sqrt{\text{DRIVE}}$. Contudo, sabemos que é $\sqrt{\text{DRIVE}}$ que se nominaliza por meio da concatenação do núcleo *-er* como, por exemplo, em *driver of the truck* ou *driver of trucks*. Nenhum significado novo é criado para o composto como um todo, apenas $\sqrt{\text{DRIVE}}$ tem seu significado negociado, o que sugere que a raiz $\sqrt{\text{DRIVE}}$ deve se concatenar com n°, antes de se concatenar a *truck*. Ainda que se admita a possibilidade de se ter fechado uma fase com a categorização de $\sqrt{\text{TRUCK}}$ e, assim, apenas a raiz $\sqrt{\text{DRIVE}}$ estaria disponível para categorização em vez do composto inteiro, como $\sqrt{\text{DRIVE}}$ selecionaria algo que já foi enviado para as interfaces?

A análise de Harley (2008) dá conta de vários fenômenos como, por exemplo, *one replacement*, contudo não dialoga com algumas tendências dentro da MD, desse modo, não utilizaremos a proposta de incorporação em nossa análise. Na próxima seção, veremos a proposta de Minussi (2009) para os compostos do hebraico.

2.2 A ANÁLISE DE MINUSSI (2009)

Nesse artigo, Minussi discute duas construções da língua hebraica que são superficialmente idênticas: o *compound* em (15)a) e os chamados *Construct State (CS)* em (15)b):

(15)	<i>Compound</i>		<i>CS</i>
a)	<i>beit sefer</i>	b)	<i>beit student</i>
	casa livro		casa estudante
	“uma escola”		“casa de estudante”

Podemos encontrar na literatura algumas propostas que defendem que os CSs e os *compounds*: (i) formam uma palavra (cf. Borer 1999), com a diferença de que os primeiros são formados na sintaxe e os segundos são formados no léxico; (ii) são formados em PF (cf. Siloni 2000). Pereltsvaig (manuscrito), por sua vez aproxima as duas construções e faz uma compilação de algumas características que estão presentes nos dois tipos de construções citadas:

- (16) a) Palavra prosódica: os *compounds* e os CS formam uma palavra fonológica.
 b) Núcleo não-modificado: Quando um adjetivo modifica um núcleo, tal modificador não pode seguir diretamente o núcleo que ele modifica. Esse fato também ocorre com o marcador de definitude *ha-*.
 c) O segundo elemento da construção deve ser realizado.
 d) Definitude Espreada: a definitude é marcada no membro genitivo, mas o *compound* e o CS inteiros são definidos.

Apesar das semelhanças descritas entre as construções, uma das principais diferenças reside no fato de que apenas os *compounds* são semanticamente opacos. Dessa forma, o autor tenda dar uma explicação para tal opacidade semântica, dentro do quadro teórico da MD, utilizando-se a noção de raiz abstrata.

É unanimidade entre os estudiosos da língua hebraica a afirmação de que o hebraico possui um sistema de raízes, que na maioria das vezes é tri-consonantal e também impronunciável. Tais raízes apenas podem ser pronunciadas no momento em que elas recebem uma vocalização. Essa combinação de vogais será a responsável pela categoria da raiz. Há diferentes vocalizações para os nomes, para os adjetivos, para os verbos, como podemos notar em (17):

(17)	√ gdl	
	Padrão vocálico	Palavra
	CaCaC (v)	<i>gadal</i> ‘crescer’
	CaCoC (a)	<i>gadol</i> ‘grande’
	CoCeC (n)	<i>godel</i> ‘tamanho’

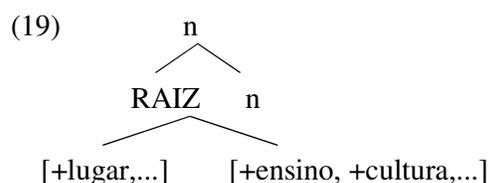
Alguns autores, como Arad (2003), fazem uma correspondência entre as raízes do hebraico e as raízes da MD, principalmente porque aquelas não possuem conteúdo fonológico, mas possuem um conteúdo semântico.

Baseado nas evidências sobre a existência de raízes abstratas, Minussi (2009) argumenta que *compounds* como *beit sefer* (lit: casa livro) ‘escola’ são formados por uma única raiz abstrata, mas por dois itens de vocabulário. A criação desses compostos opacos se

dá por meio de um processo de fissão dos traços semânticos que compõem o conceito presente na raiz abstrata. Desse modo, há uma raiz abstrata que denota o conceito de ‘escola’ na Lista 1. Contudo, no momento em que será inserida uma matriz fonológica para aquela única raiz, não há um único Item de Vocabulário capaz de saturar completamente os traços da raiz, de modo que dois itens são inseridos. Os traços dos Itens de Vocabulário que são inseridos para *beit sefer* estão em(18):

- (18) /beit/ ↔ [____, +lugar coberto, +lugar em que pessoas estão juntas, ...]
 /sefer/ ↔ [____, +ensino,+saber, +cultura, +estudo, +conhecimento, +narrar (no sentido que alguma transmite algo pela narrativa), +instrução, +experiência, ...]

Em (19), temos a estrutura para a formação dos *compounds* com a fissão dos traços da raiz:



O principal problema da análise de Minussi (2009) é o fato de postular traços semânticos não formais para as raízes. Contudo, segundo o autor, esses traços não são visíveis durante a derivação sintática. Apenas no momento de inserção de vocabulário eles estão visíveis.

Para nossa análise, iremos adotar a ideia de Minussi (2009) de que alguns compostos do português são formados a partir de uma única raiz abstrata presente na Lista 1.

3. OS COMPOSTOS DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE SINTÁTICA

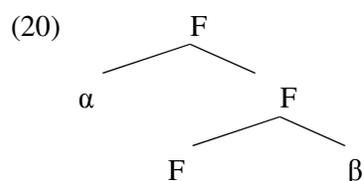
Vamos iniciar nossa análise a partir da tipologia feita por Lee (1997), como já dissemos anteriormente, utilizando uma estrutura para os compostos proposta por Di Sciullo (2005), que foi adaptada por nós ao arcabouço teórico da MD.

Di Sciullo (2005) propõe que os compostos, seja o composto raiz, o deverbal ou *dvandva*, possuem uma propriedade em comum: todos incluem uma projeção funcional.

Segundo a autora, um composto é um domínio de computação (Cf. Chomsky, 2001). Dessa forma, podemos fazer um paralelo entre o domínio de computação descrito pela autora e a noção de fase nas palavras proposta em Marantz (2001). Para Marantz (2001), o significado da raiz é negociado quando um nó categorizador seja n, a ou v se concatena com a

raiz, a qual, para a MD, é acategorial. Para Di Sciullo (2005), o núcleo funcional formaria uma fase e só depois da formação da árvore mínima a estrutura seria enviada para a forma lógica (*Logical Form* (LF)). O fato de a árvore mínima, formada por meio da projeção funcional, formar um domínio pode explicar as novas relações que são formadas a partir dos elementos dos compostos.

Veamos a estrutura postulada pela autora em (20), na qual F é um núcleo da estrutura mínima, uma projeção funcional. Os outros constituintes do composto podem ocupar o especificador da árvore, podem tomar a árvore inteira como um complemento, ou podem ser localizados no complemento da árvore.



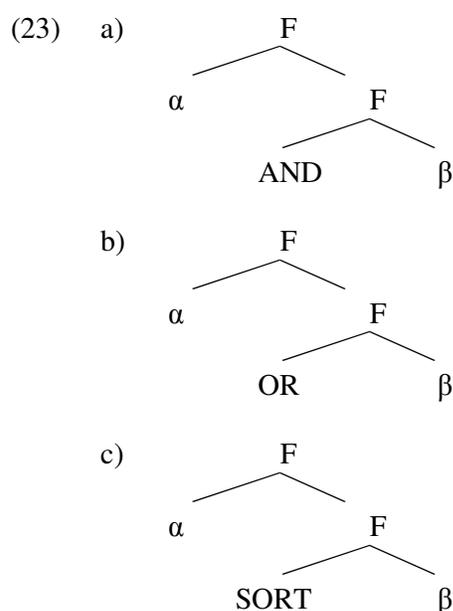
Alguns argumentos são trazidos pela autora em favor da estrutura funcional. O primeiro argumento em favor da hipótese vem do fato de que compostos raízes incluem uma relação de modificação que, por afirmação padrão, é uma relação funcional. Assim, o primeiro constituinte de um composto raiz, seja um adjetivo (A) ou um nome (N), ocupa o especificador de uma árvore-F, ou seja, a posição α em (20). Por sua vez, o segundo constituinte está localizado na posição de complemento da árvore-F, ou seja, a posição β em (20). Vejamos os exemplos de compostos raízes em (21):

- (21)
- a) black board, happy hour, floppy disk
 - b) blue gray, pink orange, dark beige
 - c) fountain pen, ash tray, golf ball

Um segundo argumento em favor da hipótese da árvore-F é que esta deve ser parte da estrutura dos compostos por considerações a respeito da legibilidade da interface. Assim, um conectivo deve ser legível em PF nos compostos *dvandva*, tais como os que se encontram em (22), os quais não são bem formados de outro modo.

- (22)
- a) bed-and-breakfast, hit-and-run, truth-or-dare
 - b) *bed-breakfast, *hit-run, *truth-dare
 - c) vai e vem, sobe e desce,

Para Di Sciullo (2005), conjunções e disjunções são categorias funcionais e a presença delas em compostos fornece evidências de que compostos incluem uma projeção funcional. Há três tipos de operadores que ocupam a posição do núcleo funcional F. AND e OR são operadores que fornecem uma relação semântica entre os constituintes dos compostos *dvandva*, seja se eles são legíveis em PF, por exemplo, em *hit-and-run*, *truth-or-dare*, ou se não são legíveis, e entendemos legíveis como realizados, por exemplo, em *win-win situation*, *a mother-child conversation*. SORT é outro núcleo semântico que relaciona constituintes de compostos raízes, por exemplo, *kitchen towel*, *happy hour*, *blue gray*. Em (23), temos as estruturas com os três tipos de operadores.



A autora ainda mostra que, em algumas línguas, o núcleo F pode ser realizado como uma vogal de ligação, por exemplo, em grego, ou uma vogal temática, como nas línguas românicas. Em inglês e nas línguas românicas, a relação semântica entre as partes dos compostos com uma vogal de ligação, ou vogal temática, é restrita a uma relação de coordenação.

Sobre a variação na ordem linear dos constituintes nas línguas românicas e no inglês, a autora defende que se deva a uma diferença na relação de precedência. Os compostos do inglês são derivados no domínio morfológico e os compostos do francês, por exemplo, são derivados em parte no domínio sintático. Observemos os exemplos abaixo:

(24) a) sky blue, powder blue

- b) red snapper, Black eye
- (25) a) ferrovia, floricultura
- b) via férrea, cultura de flores

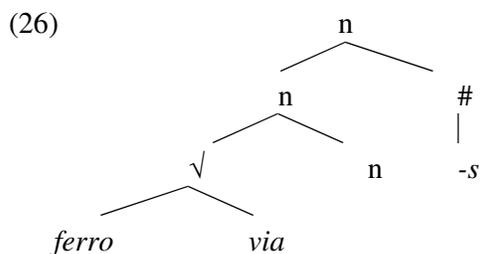
Os compostos em (24) mostram uma ordem linear de colocação dos adjetivos diferente da ordem canônica de modificação dos adjetivos em inglês, que é adjetivo-nome. Contudo, notamos também uma ordem diferente da canônica dos compostos do português em (25)a). Nos compostos do português em (25)a), temos a ordem modificador-núcleo, enquanto em (25)b), temos a ordem núcleo-modificador. Essa diferença é o que leva Di Sciullo (2005) a propor diferentes domínios de formação: um domínio lexical e outro sintático.

Uma análise alternativa para a ordem linear dos constituintes no inglês e em línguas românicas é dada em Minussi e Barbosa (2010), sem recorrer a dois domínios para a formação dos compostos. Esses autores propõem que a ordem seja um reflexo da realização fonológica do núcleo da projeção F. No caso de não realização do núcleo F, em línguas como o inglês, a linearização seguiria uma ordem inversa à ordem canônica da língua. O mesmo aconteceria nos compostos do português como *tomaticultura*, *ferrovia*, etc. Por sua vez, em línguas que realizam o núcleo F fonologicamente, a linearização dos elementos seguiria a ordem canônica da língua.

Para nossa análise, utilizaremos a estrutura proposta por Di Sciullo. Contudo, não estamos de acordo com Di Sciullo ao propor dois lugares para a formação dos compostos, pois estamos utilizando o arcabouço teórico da MD, que prevê um único domínio de formação de palavras e sentenças.

Desse modo, comecemos nossa explicação sobre compostos do português, por aqueles chamados lexicais por Lee (1997).

Uma vez que a MD postula a não existência de um léxico gerador de palavras, como é possível dar conta dos significados não composicionais que alguns compostos apresentam? Para a análise dos compostos lexicais do tipo N+N apresentados por Lee (1997), sugerimos a mesma análise realizada por Minussi (2009). Dessa forma, compostos como *ferrovia*, *autopeça*, *rodovia*, *rádio-táxi*, *floricultura* etc. seriam formados por uma única raiz abstrata, com um único conceito formado por traços semânticos. Vejamos a estrutura proposta:



Como na análise de Minussi (2009), a raiz que possui o conceito de *ferrovia* sofreria uma fissão de seus traços semânticos. Tal fissão acontece no caminho para PF, antes da inserção do expoente fonológico. Uma vez que há dois nós terminais, dois expoentes fonológicos podem ser inseridos, no caso, *ferro* e *via*.

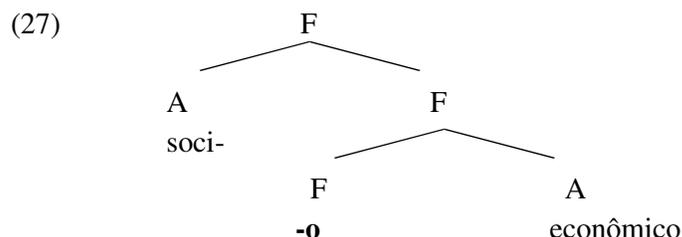
A estrutura apresentada em (26) faz algumas previsões como: a) a marca de plural do composto aparece apenas uma vez e no membro mais à direita, considerado o núcleo desses compostos⁶, no entanto, o composto inteiro é interpretado como estando no plural, por exemplo, um *rádio-táxi*, dois *rádio-táxis* e b) se o composto passar por uma operação de derivação o morfema anexado também só pode aparecer no segundo membro como, por exemplo, em *rádio-taxista* e *rádio-taxizinho*. Além disso, a estrutura capta a intuição de alguns falantes que já não reconhecem *ferrovia* como ‘via de ferro’, ou ‘via que é feita de ferro’ e apenas identificam *ferrovia* com os “trilhos do trem”. A possibilidade de podermos derivar outros nomes a partir desses compostos nos sugere que, no estágio atual da língua, a mesma já possui um único expoente fonológico para as raízes, de modo que elas não precisam mais passar pelo processo de fissão e podem ser analisadas como palavras simples. São os casos de *ferroviário*, *rodoviário*, *floricultor* etc.

Podemos notar também que esse tipo de composto não é produtivo, o que também pode ser explicado pela sua estrutura. Essa análise possui como implicação que o significado dos nomes formados seja não composicional, uma vez que há apenas uma categorização para a raiz e seu significado é negociado apenas uma vez, se seguirmos a teoria de fases em palavras que se encontra em Marantz (2001), Arad (2003) e Medeiros (2008).

A análise para os compostos lexicais A+A, apresentados por Lee (1997) tais como: *italo-brasileiro*, *sócio-econômico*, é a de que tais compostos são formados por meio de uma estrutura funcional, tal qual proposta por Di Sciullo (2005). A autora já sugere que uma vogal temática possa realizar o núcleo F dessa projeção, como parece ser o caso nesses compostos.

⁶ Lee (1997) chama a atenção para o fato de que esse composto sempre apresenta a seqüência constituída, nos termos da gramática tradicional, de Determinante (DT) + Determinado (DM), sendo o determinado o núcleo do composto.

A vogal temática **-o** ocupa o lugar do núcleo da projeção. O operador semântico presente nessa projeção é AND, uma vez que a interpretação que temos de *sócio-econômico* pode ser algo como social AND econômico, ou *ítalo-brasileiro*, como pessoa ou algo que é italiano AND brasileiro.

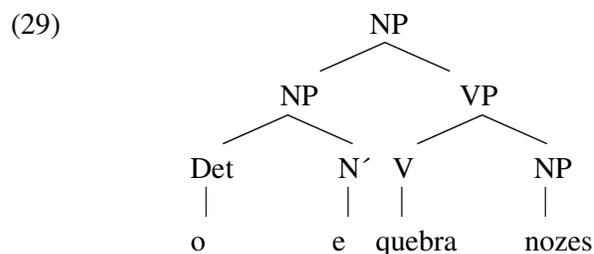


Uma previsão realizada por essa estrutura é a de que, uma vez que ela pode ser categorizada novamente e, segundo Di Sciullo, a estrutura funciona como uma fase, os nomes derivados a partir desses compostos recebem os afixos à direita, e nada pode intervir entre os dois membros do composto anteriormente unidos. Dessa forma, a marca de número e as possíveis marcas de derivação só aparecem no segundo membro, mas entram na interpretação do composto como um todo como, por exemplo, em *ítalo-brasileiros*, *sócio-economista*, *sócio-cultural-iza-ção*. Podemos observar que nem mesmo a concordância de gênero aparece entre os membros, ou seja, apenas o segundo membro concorda em gênero:

(28) a) O João tem uma tia **ítalo-brasileira**.

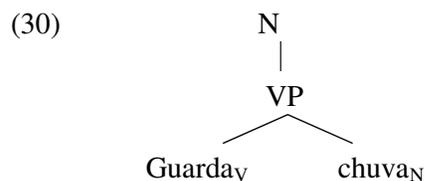
Os compostos V+N como: *guarda-chuva*, *porta-aviões* e *puxa-saco* também seriam formados a partir de uma estrutura com uma projeção funcional.

Muito já se falou desse tipo de composto que teria o segundo membro como seu complemento. Para Cedeño (*apud* Moreno 2002), o composto V+Complemento, o mais produtivo do espanhol (também do PB) seria assim estruturado:



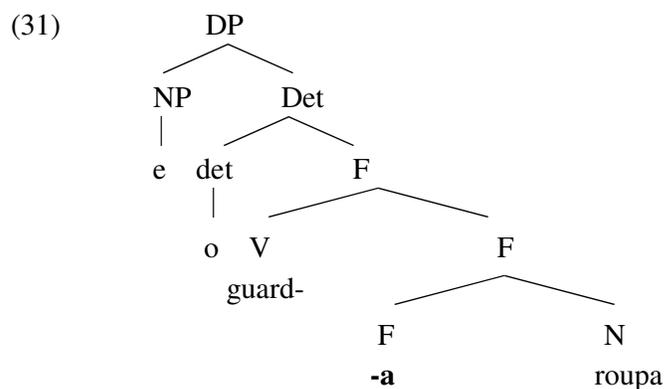
A presença do sujeito nulo (e) é determinada pelo próprio sistema flexional do português e licenciada pelo determinante *o*.

Villalva (*apud* Moreno 2002) argumenta que esse tipo de composto não possui um núcleo, pois interpreta a estrutura como:



Ainda para a autora, o traço *default* do Português é [+N] masculino, de modo que a categoria lexical e gênero masculino dos compostos V+Complemento são totalmente previsíveis.

Vejam como é a estrutura para esses compostos em nossa análise:



Há que se ter em mente que **guard-** e **roupa** já foram devidamente categorizados por V e N, respectivamente, antes de entrarem nessa estrutura formadora de compostos. Esse fato se comprova pela semântica composicional do composto formado. Por sua vez, estamos considerando que o **-a** em **guarda** é uma vogal temática, contra algumas análises que o tem como uma marca de terceira pessoa. Sendo uma vogal temática, ela deve ocupar o núcleo da projeção funcional.

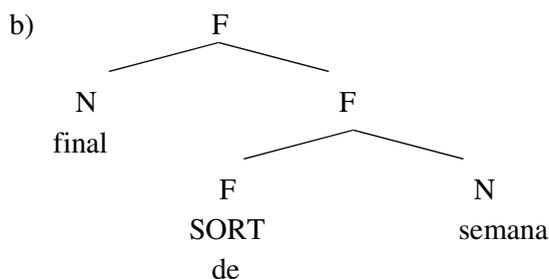
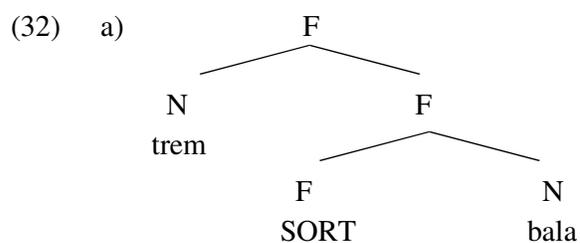
Tomamos, ainda, da estrutura de Cedeño (*apud* Moreno, 2002), o fato de que ao se inserir um determinante na estrutura, cria-se uma posição para uma categoria vazia *e*.

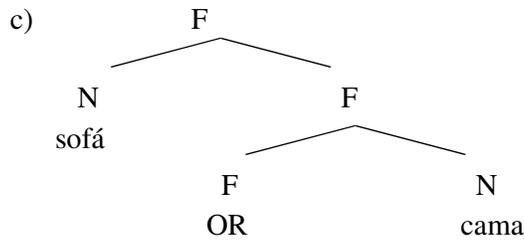
É importante ressaltar que compostos como *puxa-saco* e *quebra-nozes* podem ter uma interpretação não composicional. *Puxa-saco* pode ser referir a um objeto em que se guarda sacos e sacolas e pode ser sinônimo para bajulador. *Quebra-nozes* pode se referir ao

instrumento utilizado para quebrar nozes, ou para se referir ao nome de um balé. Tanto no caso do homônimo pejorativo, quanto na referência ao balé, os compostos devem ser analisados como formados a partir de uma única raiz, como em (26).

Passemos para a análise dos compostos chamados de pós-lexicais para Lee (1997).

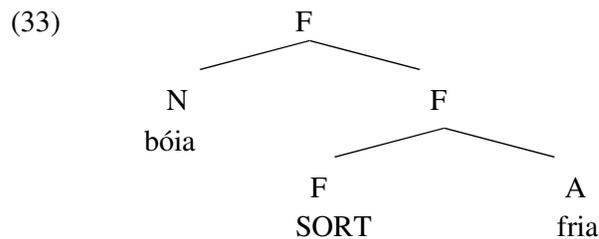
Os compostos **N+N**, que são classificados como pós-lexicais, se diferenciam daqueles compostos **N+N** alocados no léxico por Lee (1997) por apresentarem a ordem Determinado-Determinante, e apresentarem flexão de número, derivação e concordância de gênero entre os dois elementos do composto como, por exemplo, em: *sofás-cama*, *garotas propaganda*, *trens-bala*, *fins de semana*, *finalzinho de semana*, *sofazão-cama* etc. Dessa forma, propomos que estes compostos sejam formados pela estrutura de funcional, mas com diferentes operadores semânticos no núcleo. Por exemplo, como podemos observar na estrutura em (32)a, para compostos como *bar-restaurante*, *homem-rã*, temos um operador do tipo SORT. Também para compostos como *final de semana*, *motorista de caminhão*, *cadeira de rodas*, nos quais o segundo elemento do composto funciona como um modificador do primeiro, temos o operador SORT, como mostra a estrutura em (32)b). Nesses compostos, em que a preposição pode ou não aparecer, consideramos que tal preposição sempre é *dummy* e pode ser apenas a realização de um Caso inerente do nome. Por sua vez, em compostos como *sofá-cama*, consideramos que o operador seja OR, como mostra a estrutura em (32)c). Vejamos as estruturas abaixo:



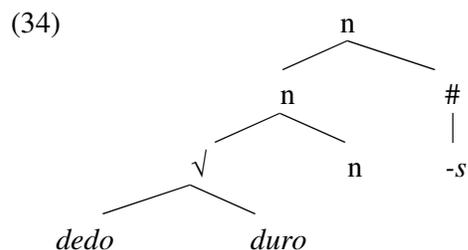


Para os compostos N+A como: *bóia-fria*, *carro-forte*, *mesa-redonda*, *pão-duro*, *dedo-duro*, que são alocados em um mesmo grupo por Lee (1997), daremos uma explicação separando-os em dois grupos.

No primeiro grupo estarão compostos como *bóia-fria* e *carro-forte*, que seriam formados pela estrutura funcional. Esses compostos apresentam a flexão de plural no primeiro membro (o membro núcleo), ou nos dois elementos que formam o composto; e apresentam o diminutivo entre os dois membros como, por exemplo, em: *bóias-frias*, *carros-forte*, *carros-fortes*, **carro-fortes*, **bóia-frias*, *boinha-fria*, *carrinho-forte*, **carro-fortinho* etc. Dessa forma, para que a flexão ou derivação possa ocorrer entre os membros, é necessário que os elementos estejam em nós terminais distintos. Sugerimos que operador semântico dessas construções é o SORT, uma vez que o segundo elemento (o adjetivo) modifica o primeiro membro. Podemos observar a estrutura proposta para tais nomes em (33):



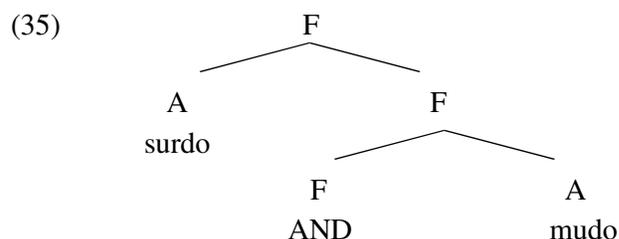
O segundo grupo é o grupo de *dedo-duro* e *pão-duro*, também superficialmente formados por N+A. Tais nomes seriam formados por uma única raiz, seguindo Minussi (2009), tal como propusemos para alguns nomes N+N.



A análise de que esses nomes que superficialmente se parecem com nomes compostos, mas que são formados por apenas uma raiz prevê o significado metafórico ou idiossincrático ligado a eles, além de prever que a flexão pode apenas ocorrer no segundo elemento do composto, assim como os morfemas derivacionais como em: *pão-duros* (**pães-duro*; Os empresários estão muito *pão-duros* com a crise econômica), *pão-durismo*, *pão-duragem*, **pães-duragens*, **dedos-durismos*, *dedurismo*, *deduragem*, *dedurador*.

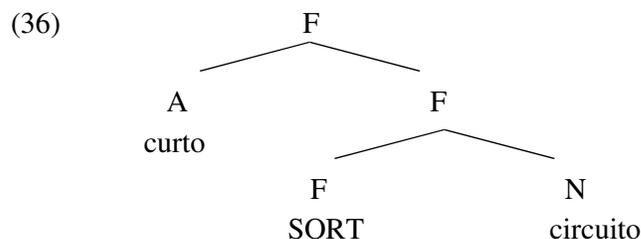
Ainda podemos acrescentar que no PB podemos formar verbos com tal raiz criada na Lista 1, lista de elementos primitivos como, por exemplo, o verbo *dedurar*.

Os compostos **A+A**, como *surdo-mudo*, serão tratados por meio da projeção funcional de Di Sciullo, pois seu significado é composicional. O teste de flexão aplicado para esse composto mostra que os dois adjetivos concordam seja em número ou gênero: *surdos-mudos*, *surda-muda*. Nesse caso, a flexão deve ser marcada apenas uma vez no núcleo e a outra marca deve ser considerada uma concordância de número, ou gênero. A MD considera a concordância uma operação pós-sintática (cf. Embick; Noyer 2004). Nesse caso, o operador semântico que ocupa o lugar do núcleo funcional é o AND.



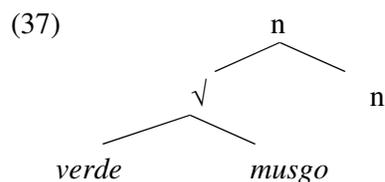
O último tipo de composto chamado pós-lexical analisado por Lee (1997) é o **A+N**, que também possui como uma das suas características a ordem Determinante-Determinado. Entre os compostos desse tipo estão destacados: *curto-circuito*, *primeiro-ministro* e *boa-vida*.

Primeiramente, se aplicarmos o teste de flexão, observaremos que os dois elementos são flexionados (*curtos-circuitos*, *primeiros-ministros*, *boas-vidas*). Contudo, o diminutivo é marcado no segundo membro, o Determinado: *curto-circuitinho*, **curtinho-circuito*, *primeiro-ministrinho* (à toa/de nada), **primeirinho-ministro*, *boa-vidinha*, *boa-vidismo*. Desse modo, nossa análise propõe o uso da estrutura funcional, como podemos observar abaixo:



O operador semântico desses compostos é o SORT, uma vez que há uma relação de modificação entre os dois elementos que formam o composto. Moreno (2002) explica que a ordem de modificação variável na língua é o fator determinante para a existência desse tipo de composto. Em línguas como o português, o modificador não tem uma posição fixa em relação ao substantivo, podendo ser realizado à direita ou à esquerda, mas em ambos os casos a estrutura é a mesma. Esse fato pode ser notado nos compostos formados com substantivo e adjetivo, que podem ser tanto N+A, quanto A+N (embora o núcleo seja sempre o N): *salvo conduto, primeiro ministro; obra prima, onça pintada*. Esse fato é captado em nossa análise por meio do uso do operador SORT.

Como já dissemos anteriormente, alguns compostos não são tratados por Lee (1997) como, por exemplo: *verde-bandeira, verde-claro, azul-marinho, azul-escuro, azul-royal* etc. Tais compostos são tipos de verde, tipos de azul e cada cultura e, por sua vez, cada língua diferenciará as cores de modo próprio. Sendo assim, tomaremos estes compostos, sejam A+N, ou A+A, como sendo formados por apenas uma raiz. Essa nova raiz conterá o conceito da nova cor, que será formado por traços semânticos agrupados de modo diferente em cada língua e determinados culturalmente. Vejamos a estrutura abaixo:



4. CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos refletir sobre alguns trabalhos como Lee (1997) e Moreno (2002), que analisaram como se dá a formação das palavras compostas em português e, por meio da Morfologia Distribuída e de uma proposta desenvolvida por Di Sciullo (2005), propusemos algumas estruturas para a formação dos compostos do português levando em conta um único lugar para que eles sejam gerados: a sintaxe.

Também discutimos uma possibilidade de análise, em uma teoria não lexicalista, para os compostos que não possuem um significado dado composicionalmente, propondo que sejam formados por apenas uma raiz: *ferrovia*, *rodovia*, *dedo-duro*, *pão-duro*, *verde-musgo* etc.

Por sua vez, os compostos, cujos significados são dados composicionalmente, são formados por estruturas funcionais, com operadores semânticos, como propõe Di Sciullo (2005), com a diferença de que essas estruturas são geradas durante a derivação sintática e não pré-sintaticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAD, Maya. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. In: *Natural Language & Linguistic Theory*. v. 21, p. 737-778, 2003.
2. BORER, Hagit. “Deconstructing the construct”. In: Johnson, K., Roberts, I.G. (Eds.), *Beyond Principles and Parameters*, Kluwer, Dordrecht, p.43-89, 1999.
3. CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 41.ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
4. CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: Michael Kenstowicz, ed., *Ken Hale: A life in language*, Cambridge, MA: MIT Press, p.1-52, 2001.
5. DI SCIULLO, Anna Maria. Decomposing Compounds. In: *Skase Journal of theoretical linguistics*. Vol. 2, n° 3, p.14-33, 2005.
6. EMBICK, D.; NOYER, R.. Distributed Morphology and the Syntax/Morphology Interface. In: RAMCHAND G.; REISS C. (Eds). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*, Oxford University Press, 2004.
7. HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics*, n.30, p. 425-439, 1997.
8. HALLE, M.; A. MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MITPress, Cambridge, p. 111-176, 1993.
9. HARLEY, H. 2008. Compounding in Distributed Morphology. In: *the Oxford Handbook of Compounding*, ed. by Rochelle Lieber and Pavol Stekauer, 2008.
10. KEHDI, Valter. *Formação de palavras em Português*, 3ª ed. Editora Ática: São Paulo, 2002.

11. LEE, Seung-Hwa. Sobre os Compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 17-33, 1997.
12. MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L., SUREK-CLARK, C. & WILLIAMS, A. (Orgs), Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium. In: *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, p. 201-225, 1997,.
13. _____ Words In: WEST COAST CONFERENCE ON FORMAL LINGUISTICS, University of Southern California Los Angeles, 2001. Disponível em: <http://web.mit.edu/marantz/Public/EALING/WordsWCCFL.pdf>. Acesso em: 18/04/2009.
14. MEDEIROS, Alessandro Boechat. A molecada se empanturrou de banana! - Considerações sobre as nominalizações em -ada não-eventiva. *REVEL*, v. 7, n. 12, 2009.
15. MINUSSI, Rafael Dias. Os nomes compostos do hebraico: uma análise morfossintática. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 259-271 jan.-abr, 2009.
16. MINUSSI, Rafael Dias; BARBOSA, Julio W. Curvelo. The compositionality in nouns and sentences: analyzing compounds and complex predicates. In: *ACTAS DEL V ENCUENTRO DE GRAMÁTICA GENERATIVA*, Argentina, Comahue, p.43-62, 2010.
17. MORENO, Cláudio. A formação dos compostos no português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.37, n^o1, p.99-129, 2002.
18. OLIVEIRA, S. M.. Prefixação: um Caso de Derivação ou de Composição? *Eletras*, Universidade Tuiuti do Paraná, v. 8, p. 15-33, 2004,
19. PERELTSVAIG, Asya. *Compounding in Semitic, and Why English mice are not like Arabic 'Roofs'*. (manuscrito)
20. SIDDIQI, D. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today* 138. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
21. SPENCER, Andrew. *Morphological Theory*. Blackwell, 1991.
22. SILONI, Tal. *Prosodic Case Checking Domain: The case of Constructs*. Ms. Tel-Aviv University, 2000.

ABSTRACT: This paper presents an analysis for the Brazilian Portuguese Nominal Compounds based on the analysis by Lee (1997). Lee (1997) divides the compound's formation in two places of the Grammar: Lexicon and Syntax. Assuming the theoretical framework of Distributed Morphology (DM) (Halle & Marantz 1993; Marantz 1997) and some proposals of Di Sciullo (2005), which argues that compounds are formed by a functional projection, we propose that some syntactic structures form compounds. Thus, we argue that there are compounds formed by only one root, as the case of *pão-duro* 'mean' and *ferrovia* 'railway', and compounds that are formed by a functional structure, whose the head is occupied by some semantic operators, such as SORT,

AND and OR. In addition, we discuss other analysis made for compounds, either within the Lexical Phonology (Moreno 2002), or within the framework of DM: Harley(2008) and Minussi (2009).

KEYWORDS: Nominal Compounds, Distributed Morphology, Roots.